

ABRAÇAR

Maria Consuelo
Oliveira Santos¹



Esse gesto tão humano e tão conhecido de todos, que é o abraço, pode dizer muitas coisas a depender das circunstâncias, das relações, dos ambientes, das culturas. Mas como ir além de um gesto incorporado às nossas vidas, um ato que já se transformou em hábito e por isso nem mais pensamos nos sentidos simbólicos que ele pode expressar?



[1] Doutoranda em Antropologia Médica e Saúde Internacional - Universidade Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. E-mail: consu_oliveira@yahoo.com.br

Aí está o nosso desafio como educadores: ir além do que está visível para descobrir as diferenças que existem por trás dos comportamentos dos grupos sociais. Aquilo que pensamos e fazemos está repleto de experiências, visões de realidade e com elas vamos organizando nossas vidas em termos do que consideramos ser ou não correto.

Seriam os abraços captados nestas fotos apenas simples abraços entre duas pessoas que se gostam? Está evidente que as duas pessoas compartilham afeto pela aceitação do abraço, e o sorriso nos demonstra isso. Mas, observando me-

lhor, vemos que as fotos trazem outros elementos que as situam em um ambiente de influência afro-brasileira, pelo tipo de roupa, pela cor branca das vestes e estilo. E o que têm a ver esses elementos com o sentido do abraço?

Aí está a questão de ir além das aparências. Quem conhece o jeito como os afro-brasileiros olham a vida, sabe que muitos gestos utilizados em uma Casa de Candomblé ou de Umbanda, de Xangô e outros, adquirem sentidos diferentes dos que normalmente utilizamos. Nestas organizações, a reali-

dade é vista a partir de outras perspectivas e, em consequência, as suas expressões cotidianas adquirem outros significados. Trazemos um só exemplo, mas com ele podemos vislumbrar a riqueza que o mesmo incorpora. O abraçar é o ápice de um conjunto de gestos de saudação e variam conforme o nível hierárquico. Pode ser fugaz ou demorado, a depender do momento em que ele acontece. É Ruy Póvoas, babalorixá de um terreiro de candomblé, o Ilê Axé Ijexá, quem durante uma conversa nos exemplifica:



...entre duas “iaôs”³, feitas no mesmo “barco”, quando se saúdam, ambas se abaixam, uma defronte a outra, bem pertinho. Seguram-se as mãos. A mais velha sempre com ambas as mãos “encruza” a mais nova, em primeiro lugar: na testa, no plexo solar, no ombro esquerdo, no ombro direito, no occipital, na testa (de novo), beija a mão; aí a mais nova faz o mesmo com a mais velha. Depois, ambas se levantam e estreitam-se num abraço em ambos os ombros. Viu só? O abraço é o término. Não se começa com o abraço.

Fica claro, neste exemplo, que necessitamos de atenção para revisar o que até então sabemos. É bastante útil repensar o já dito, o gesto, o hábito e assim sermos capazes de incorporar novos aprendizados. Se em algum momento não somos capazes de nos esvaziar de coisas pré-estabelecidas e de preconceitos, não podemos ter o prazer de reconhecer novos elementos. De perceber que o outro só é o “estranho” se nos fechamos em nossas visões de realidade ou se nos colocamos na defesa da suprema-

cia de certas perspectivas sobre as demais.

Quando rompemos visões de realidade que não incorporam a diferença social como um valor, o resultado é que nos tornamos abertos e livres para aprender com o outro. Aprender, já se disse tantas vezes, “é um ato de humildade”, de reconhecer que sempre temos que estar alertas para incorporar outras maneiras de estabelecer sentidos.

Buscar os significados que dão sentido às ações e relações de grupos sociais, que passavam, no mínimo, despercebidas porque não conseguíamos vê-los é a grande tarefa de reaprender certos fundamentos da nossa cultura, que se encontram expressos no viver dos afro-descendentes. E como ir além do que está posto e compreender as diferenças do outro e respeitá-las? Em primeiro lugar, um decreto-lei não tem esse poder. Pode ser um marco, um incentivo, uma atitude, mas não muda quase nada se não vier acompanhado de ações que sejam realmente consequentes, tanto pelas organizações responsáveis por sua concretização bem como por parte dos educadores.

A Lei 10.639/2003 não

sairá do papel porque a escola está colocando algumas horas para a cultura afro-brasileira e nem porque os professores estão se utilizando de textos e audiovisuais da referida cultura, durante as aulas, para cumprir a Lei. Ela só deixará de ser letra morta quando nós, professores, pudermos compreender que revisar as noções que temos sobre o outro é o melhor caminho para o respeito mútuo.

A obrigatoriedade não é sinônimo de aceitação e de mudança de mentalidade. A lei permanece sem vida até que repensemos a nossa maneira de ver a realidade, até que incorporem novas informações e que comecemos a atuar com base no respeito à alteridade, ao outro que faz parte de uma história que também é nossa. Conhecê-la é um ato de respeito e reconhecimento das nossas identidades.

A diferença não separa, não destrói – ao contrário, permite que as expressões diferenciadas nos enriqueçam, nos permite abrir um leque de opções para ver que a diversidade contribui para a expansão e para o alargamento da noção de realidade. Em consequência, ocorrerá o rompimento de medos e preconceitos.

[3] Fiel após a fase ritual de reclusão no Ilê Axé. Em iorubá significa a “esposa mais jovem”.

Temos que fazer um esforço para deixar de lado as bolorentas idéias do homogêneo, do linear e passar para um momento pulsante de mestiçagem, de incorporação de diferentes elementos, de criatividade e de reconhecimento da riqueza das distinções, que começam primeiro em cada sujeito.

Como imaginar um professor responsável pelos conteúdos da cultura afro-brasileira que não conheça uma casa religiosa afro-descendente? Ele pode ter lido muitas coisas, ouvido tantas outras, visto vídeos, filmes, escutado música - o que é excelente - mas nada vai ser mais profundo e gratificante que a experiência, por exemplo, de participar de uma festa em homenagem aos orixás.

Quando falo em ir a uma festa afro-brasileira não significa exercer um ato religioso. Conhecer o outro não implica que deixemos nossas crenças, significa, sim, respeito aos grupos sociais que exercem suas visões de mundo de um modo diferente do nosso. É uma atitude que nos ajuda a romper incompreensões, e o resultado é que ampliamos nossas perspectivas de mundo e de vida. Nada melhor que um educador que

consiga fazer esse movimento e chegar mais aberto e inteiro, em uma sala de aula.

Insisto neste aspecto porque, nas organizações religiosas afro-brasileiras, estão muitas das referências fundamentais da cultura nacional, quanto a aspectos relacionados à dança, música, gestual, alimentação, arquitetura, terapias, medicamentos, aspectos filosóficos, estéticos, simbólicos, econômicos, ecológicos, de linguagem, narrativas, mitos, gestos e crenças que estão incorporados ao nosso cotidiano e que, muitas vezes, nem nos damos conta que são aspectos componentes do nosso entramado cultural, advindos de perspectivas afro-brasileiras – que tanto desconhecemos.

Voltando ao exemplo citado por Ruy, percebemos que é muito importante ter acesso à experiência do abraço, que a foto não pode contar, que o vídeo não pode transmitir a emoção da presença. Os textos nos ajudam a compreender e a experiência nos ajuda a sentir. Que o pensar e o sentir se unifiquem para que o conhecimento seja mais completo, mais vívido e que nos permitam desfrutar do prazer de abraçar a riqueza das nossas diferenças.

O abraçar é o ápice de um conjunto de gestos de saudação e variam conforme o nível hierárquico.